

Organização
CITCEM/FLUP
Comissão Científica
Comissão Executiva do CITCEM
Comissão organizadora
Carla Sequeira
Joana Sequeira
Secretariado
Vanessa Sousa

Contactos
CITCEM/FLUP
Tlf: 226 077 177
E-mail: oic.citcem@gmail.com
citcem@letras.up.pt

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.

<https://oiccitcem.wixsite.com/oficinascitcem>

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM 19/20

SESSÃO 15
[24.04.20 • 14h30]

Proponente da sessão
Hugo Barreira

«Cinema, Cultura Visual e
Património»

 YouTube

Em directo no canal YouTube do CITCEM FLUP:
<https://www.youtube.com/channel/UC2la8syabdh1bO6-fCgQnIA>

PROGRAMA

- 14h30** *Arquiteturas para cinema – a evolução do edificado desde as pré-existências até às salas* | Liliana Fortuna Duarte
- 14h50** «O bom aficionado conta com as revistas». *Noções de património em torno das revistas de cinema* | Joana Isabel Duarte
- 15h10** «Heal them, with fire from above»: *an intermedial (de)construction of emotional distress. Readings on the cinematic aesthetics of Queens of the Stone Age's ...Like Clockwork short film* | Andréa M. Diogo
- 15h30** Pausa
- 15h45** *A arquitetura sonhada e imaginada: a direção de arte no cinema* | Ana Patrícia J. Gonçalves
- 16h05** *O cinema como fonte e recurso para os estudos e para o ensino da História da Arte, do Património e da Cultura Visual –problematização metodológica* | Hugo Barreira
- 16h25** Debate

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

LILIANA FORTUNA DUARTE (Lisboa, 1988). Licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e mestre em História da Arte Portuguesa, pela mesma universidade, com a dissertação intitulada *Paraíso no Porto: o Jardim Passos Manuel 1908-1938*. Encontra-se atualmente a frequentar o Doutoramento em Estudos do Património, ramo de História da Arte, com uma investigação que versa sobre as arquiteturas para cinema bem como os elementos que integram estes espaços.

Arquiteturas para cinema – a evolução do edificado desde as pré-existências até às salas

O cinema, como forma de espetáculo, surgiu nos finais do século XIX tornando-se um símbolo dos tempos modernos. Inicialmente, as fitas eram exibidas ao público em espaços pré-existentes tais como teatros, music-halls, salões e cafés, mas também em recintos ao ar livre e cinemas ambulantes, desde que estes permitissem a projeção e que fosse acessível a todos. Devido ao êxito e acompanhando o progresso, tornou-se necessário construir estruturas que respondessem à demanda do público, mas que também cumprissem as rigorosas normas de segurança e, assim, surgiram os primeiros cinematógrafos e cineteatros, construções que dominaram grande parte do século XX, até que surgiram as salas de cinema em prédios de finalidade mista que são, até aos nossos dias, a tipologia mais frequente.

JOANA ISABEL DUARTE. Mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual (FLUP, 2018). É atualmente doutoranda em Estudos do Património (Universidade do Porto) e em Território, Património y Cultura (Universitat de Lleida), onde prepara uma tese subjacente ao tema «Cinefilia e cultura cinematográfica em Portugal nos anos 50 e 60». Desenvolve investigação no âmbito da imprensa de cinema, dos estudos cinematográficos, da imagem e do património.

«O bom aficionado conta com as revistas». Noções de património em torno das revistas de cinema

O património cinematográfico é um conceito que, embora muitas vezes se imiscua com outros – como o património fílmico e o audiovisual –, abarca mais do que apenas os filmes: diz respeito ao universo do *cinema*. A revista cinéfila faz parte desse domínio: resulta de uma imposição da indústria, mas também do desejo humano, que revê e se identifica com tais publicações. Aliado ao valor documental que possuem, estas revistas podem estar providas de características gráficas que a tornam dignas de particular interesse. Será objetivo desta apresentação explorar as revistas à luz do seu enquadramento patrimonial, seja ele cinematográfico ou bibliográfico, tendo em consideração que muitas destas publicações foram alvo de coleção – o que sublinha o intento de legar estes espécimes para lá do tempo presente.

ANDRÉA M. DIOGO holds a BA in History of Art (FLUP, 2017) and a MA in History of Art, Heritage and Visual Culture (FLUP, 2018). Following the MA dissertation on «Sound and Vision: a videografia de David Bowie (1969-2017). Contributos para o estudo do videoclipe», her line of research focuses on History of Art, Visual Culture, Moving Image and New Media.

«Heal them, with fire from above»: an intermedial (de)construction of emotional distress. Readings on the cinematic aesthetics of Queens of the Stone Age's ...Like Clockwork short film

Under a polished rock 'n roll guise, the animated *oeuvre ...Like Clockwork* developed to promote Queens of the Stone Age's homonymous album comprises a 5-movement leitmotif established on a particular set of references: from the eschatological citations pertaining to the Apocalypse to its particular cinematic framing and visual codes, among other aspects. Thus, this presentation shall aim at both visual and aural structures that compose *...Like Clockwork's* narrative. Moreover, attention shall be given to each sequence – *I Appear Missing, Kalopsia, Keep Your Eyes Peeled, If I Had a Tail and My God is the Sun* –, as well as the whole audio-visual experience, whose fivefold stages ultimately provide an exercise on visual literacy.

ANA PATRÍCIA J. GONÇALVES é licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2016, e mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual pela mesma Faculdade, com tema de dissertação “Salão Jardim da Trindade: Um Cinema Palimpsesto (1912-2017)”, em 2018. Estagiou em 2019 no Departamento de Música e Audiovisuais na Biblioteca Nacional Espanhola em Madrid. Ao longo do seu percurso académico e

profissional procurou sempre direcionar os seus estudos para as áreas da história da arquitetura, urbanismo, cinema e património material e imaterial.

A arquitetura sonhada e imaginada: a direção de arte no cinema

O trabalho da direção artística no cinema é uma das áreas que menos vezes vemos consagradas na vasta bibliografia da história do cinema. Pretendemos, dessa forma, apresentar uma análise em torno deste trabalho, destacando-o dos restantes que envolvem uma produção cinematográfica. A partir de uma abordagem cronológica e com recurso a momentos chave da história do cinema, procuraremos compreender os processos de elaboração de cenários e *sets* e o seu contributo para a qualidade visual das obras cinematográficas que são, numa primeira etapa e quase sem exceção, integralmente rodados no mundo construído e idealizado dos estúdios e, só mais tarde, fora deles. Para além de todos os aspetos técnicos e visuais, iremos de igual modo salientar algumas influências quase simbióticas com a arte e a arquitetura *per se*.

HUGO BARREIRA é Doutor em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Professor Auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP e Investigador Integrado do CITCEM. Desenvolve investigação sobre a imagem em movimento e sobre a sua utilização como recurso para os estudos do património, bem como sobre a cultura visual e a história da arte e da arquitetura da época contemporânea.

O cinema como fonte e recurso para os estudos e para o ensino da História da Arte, do Património e da Cultura Visual –problematização metodológica

Esta comunicação visa apresentar uma problematização metodológica do estudo da imagem em movimento, tendo por base a inserção do objeto cinematográfico na cultura visual coeva. A óptica da análise escolhida assenta na utilização do cinema como fonte para o estudo e para o ensino da História da Arte, do Património e da Cultura Visual, a partir de um *corpus* de filmes disponíveis em linha na Cinemateca Digital. Foi desenvolvido um quadro de entendimento conceptual que funciona como recurso para o estudo do objeto, problematizando-o nos seus pontos de contacto com a cultura visual numa perspetiva fortemente informada pela Antropologia Visual. Exploraremos as valências deste tipo de fonte e de recurso, ainda pouco explorado por meio de metodologias próprias, e as questões inerentes à sua análise.